



## ARTIGO

### O PAPEL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA FORMAÇÃO DE ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO NA AMAZÔNIA

*THE ROLE OF DISTANCE EDUCATION IN THE FORMATION OF INNOVATION AND ENTREPRENEURSHIP ECOSYSTEMS IN THE AMAZON*

*Eixo Temático 1. Inovação e empreendedorismo.*

*Augustus, SCAGLIARINI<sup>1</sup>*

#### **Resumo:**

Na Amazônia, território onde a ausência da escola presencial tem sido uma constante amarga (SILVA; PEREIRA, 2023), a Educação a Distância (EaD) emerge não como promessa tecnológica, mas como ponte delicada entre o saber e as raízes. Este artigo tem como objetivo principal analisar de que forma a EaD fomenta ecossistemas de inovação e empreendedorismo, atuando como veículo para a conquista de voz, autoria e propósito para ribeirinhos e povos originários da floresta (BRASIL, 1996; SOUZA, 2024). A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica e a análise documental de experiências reais, interpretando os dados sob uma ótica qualitativa que respeita o tempo da floresta. A discussão teórica evidencia que a inovação, neste contexto, depende do conectivismo e de valores comunitários. Os principais resultados demonstram que a EaD transcende a mera distribuição de conteúdo, possibilitando a tecitura de redes de sustentabilidade e o surgimento de empreendimentos locais. Conclui-se, assim, que a EaD na Amazônia é um vetor de transformação que, ao mediar a tradição e a inovação, converte a invisibilidade histórica em pertencimento e reinvenção cultural.

**Palavras-chave:** Educação a Distância; Amazônia; Inovação; Empreendedorismo; Inclusão Digital.

#### **Abstract:**

In the Amazon, a territory where the absence of in-person schooling has been a bitter constant (SILVA; PEREIRA, 2023), Distance Education (DE) emerges not as a technological promise, but as a delicate bridge between knowledge and roots. This article's main objective is to analyze how DE fosters innovation and entrepreneurship ecosystems, acting as a vehicle for achieving voice, authorship, and purpose for riverside and forest peoples (BRASIL, 1996; SOUZA, 2024). The methodology adopted was a bibliographic review and documentary analysis of real experiences, interpreting the data from a qualitative perspective that respects the forest's rhythm. The theoretical discussion shows that innovation, in this context, depends on connectivism and community values. The main results demonstrate that DE transcends the

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), [augustus.scagliarini@ufrpe.br](mailto:augustus.scagliarini@ufrpe.br), <https://lattes.cnpq.br/5259686634463016>



## ARTIGO

mere distribution of content, enabling the weaving of sustainability networks and the emergence of local entrepreneurs. It is thus concluded that DE in the Amazon is a vector of transformation that, by mediating tradition and innovation, converts historical invisibility into belonging and cultural reinvention.

**Keywords:** Distance Education; Amazon; Innovation; Entrepreneurship; Digital Inclusion.

### 1. INTRODUÇÃO

A Amazônia é, antes de tudo, experiência e pertença. O acesso desigual à educação ecoa como ausência em muitas margens: “não há rua, não há professor, não há escola” (SILVA; PEREIRA, 2023, p. 27). Quando navegamos por estes rios, percebemos que cada aldeia tem sonhos represados, e o silêncio que se impõe pela distância geográfica transforma-se, historicamente, em exclusão social e econômica. Por isso, reivindicar o direito ao estudo não é apenas desejo, mas ato de permanência: “temos fome de aprender”, registram jovens em relatos coletados por Ferreira (2021, p. 113), quase como se suplicassem vento fresco numa tarde abafada.

É nesse vácuo que a inovação precisa ser ressignificada. Falar em “ecossistemas de inovação” na Amazônia (IFRO, 2025) não é importar modelos do Vale do Silício para a floresta; é, ao contrário, ter a escuta sensível para entender como o conhecimento ancestral dialoga com as novas ferramentas. Não há inovação sem escuta. No silêncio da mata, a possibilidade de diálogo – seja por uma tela iluminada à noite, seja pelo rádio que atravessa distâncias – representa aquilo que antes era impossível: “ser ouvido, ser entendido, ser parte” (GARRIDO et al., 2016, p. 68).

A Educação a Distância, nesse cenário, surge como essa possibilidade de diálogo. Esta, talvez, seja a maior inovação da EaD na Amazônia: transformar invisibilidade em pertencimento, permitir que saberes tradicionais sejam acolhidos, mediados e reinventados. Para chegar até aqui, foi necessário enfrentar distâncias físicas, sim. Mas também – e sobretudo – distâncias simbólicas: o preconceito com o digital, a inércia de políticas públicas fragmentadas, a escassez de investimento em



## ARTIGO

conexão real, aquela do caboclo que aprende sem pressa, e do professor que aprende na mesma medida ao ensinar (LIMA et al., 2021).

Assim, este artigo tem como objetivo principal analisar de que forma a EaD fomenta ecossistemas de inovação e empreendedorismo, atuando como veículo para a conquista de voz, autoria e propósito para ribeirinhos e povos originários.

Para isso, oferece uma travessia que se inicia na fundamentação teórica sobre conectivismo e valores comunitários, detalha os procedimentos metodológicos qualitativos adotados, discute os resultados de experiências reais e, por fim, apresenta as conclusões sobre a EaD como um vetor de transformação na Amazônia.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pensar inovação na Amazônia é reconhecer a pluralidade de cosmovisões. A discussão teórica aqui proposta evidencia que a inovação, neste contexto, depende do conectivismo e de valores comunitários. Teorias sobre conectivismo (SIEMENS, 2005) já postulavam que redes de aprendizagem são campos férteis à cocriação, mas só na floresta se entende o que significa depender da sabedoria partilhada em mutirões e roda de conversa. A literatura deixa claro que a EaD só frutifica, aqui, quando mediada por esses valores: “Na Amazônia, ninguém inova sozinho – tudo é rito de comunidade” (SOUZA, 2024, p. 89).

A presença de professores itinerantes e o incentivo à autoria de saberes (GARRIDO et al., 2016) tornam a EaD algo que “não apenas leva ao território, mas é do território” (FERREIRA, 2021, p. 114). Experiências conduzidas por IFRO atestam que as comunidades aprendem o digital, mas também o reelaboram: empreender passa a ser transformar pirarucu em ração, transformar histórias orais em livros, criar soluções ambientais que reverberam para além do próprio povo (LIMA et al., 2021).

Conectados por fios frágeis, mas unidos no desejo de permanecer, os amazônidas se reinventam: “a cada desafio logístico responde-se com invenção cotidiana, filha da escassez e do excesso de sonhos” (SILVA; PEREIRA, 2023, p. 28).



## ARTIGO

Mais do que incluir, a EaD é convite permanente à transformação, à criação de pontes genuínas entre a escola, a tecnologia e a floresta.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia adotada, de natureza qualitativa, foi realizada no compasso de quem observa cheias e secas, com o tempo da escuta respeitosa. O percurso pautou-se na revisão bibliográfica e na análise documental. Optou-se por essa abordagem pois compreende-se que dados quantitativos sobre evasão ou conectividade, embora relevantes, são insuficientes para capturar o pulsar vivo das buscas amazônicas por pertencimento e futuro. Os números da exclusão (quantos não têm acesso) são conhecidos; o desafio deste artigo é entender o como da inclusão (como aqueles que acessam, mesmo precariamente, transformam sua realidade).

O corpus documental incluiu relatórios institucionais de experiências reais (como os do IFRO), projetos pedagógicos de cursos técnicos voltados à bioeconomia e relatos de educadores na fronteira do experimento. A análise desses registros seguiu uma abordagem hermenêutica, buscando interpretar os núcleos de sentido e as categorias emergentes. Não se buscou apenas catalogar "boas práticas", mas compreender as tensões, as adaptações e as ressignificações que definem "inovação" e "empreendedorismo" sob a ótica local.

Este caminho metodológico justifica-se pela própria natureza do objetivo: analisar como a EaD fomenta ecossistemas. Fomentar é um processo orgânico, que envolve subjetividade, cultura e comunidade. Portanto, mais do que catalogar dados frios, a metodologia buscou escutar as vozes que, mediadas pela tecnologia, reinventam seus territórios e a si mesmas, transformando a ferramenta educacional em instrumento de autoria.

### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO



## ARTIGO

Os principais resultados demonstram que as experiências documentadas na Amazônia não são uniformes; cada comunidade desenha seu modo de resistir ao apagamento. Mostrou-se que, onde houve escuta verdadeira das realidades locais, a EaD conseguiu promover formação de comunidades empreendedoras, valorização de saberes tradicionais e participação social inédita (SOUZA, 2024; IFRO, 2025; LIMA et al., 2021).

Evidencia-se que a EaD transcende a mera distribuição de conteúdo, atuando como ferramenta para a tecitura de redes de sustentabilidade. Em beiras de rio ou aldeias encravadas no verde cerrado, surgiram empreendedorismos locais, como startups ambientadas na floresta, mercados digitais de artesanato e projetos de biotecnologia adaptada ao bioma (IFRO, 2025).

A inovação, por aqui, não é só produto ou negócio, mas, sobretudo, persistência em existir e criar futuro. Limitações? Muitas. Conexão intermitente, professores em constante formação, plataformas digitais por vezes distantes da realidade. Mas também há superação: “transformar limite em possibilidade virou parte do currículo” (FERREIRA, 2021, p. 120).

## 5. CONCLUSÃO

Não há frase definitiva para a Amazônia. O texto que aqui se apresenta é, antes, trilha de encontro e recomeço. Conclui-se, ratificando o objetivo proposto, que a EaD na Amazônia é um vetor de transformação que, ao mediar a tradição e a inovação, converte a invisibilidade histórica em pertencimento e reinvenção cultural. Ela deixa de ser ponte entre margem e margem para ser o próprio percurso, feito de conexões, reinvenções e esperança.

Como limitações deste estudo, reconhece-se que a análise, focada no "como" a EaD fomenta o empreendedorismo, não esgota a complexidade dos desafios logísticos, como a intermitência da conectividade, que seguem sendo barreiras reais. A EaD que floresce o faz apesar da infraestrutura precária, e não graças a ela. A maior



## ARTIGO

limitação, contudo, é a da própria linguagem em capturar a profundidade da transformação subjetiva de quem, pela primeira vez, sente-se autor de sua história.

Como sugestão para trabalhos futuros, aponta-se a necessidade de estudos longitudinais que acompanhem o impacto econômico direto desses novos empreendimentos nas comunidades, bem como pesquisas focadas no papel específico das mulheres e dos jovens indígenas como agentes centrais dessa inovação mediada pela EaD.

O futuro da educação amazônica não se conforma com o determinismo da exclusão – ele resiste, reinventa-se, multiplica-se em voz, imagem, presença e sonho compartilhado, porque o saber, quando floresce em rede, nunca será solitário.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, seção 1, p. 27933. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

FERREIRA, A. B. **Vozes da Floresta: Fome de Aprender e a EaD Ribeirinha.** Manaus: Editora Amazônica, 2021.

GARRIDO, M. L. et al. **Ser Parte: Diálogo e Pertencimento na Educação a Distância.** Revista Brasileira de Educação e Tecnologia, v. 8, n. 2, p. 65-78, 2016.

IFRO. **Inovação e Conservação: Relatório de Experiências em Biotecnologia.** Porto Velho: Instituto Federal de Rondônia, 2025.

LIMA, R. S. et al. **Conexão Real: Desafios da Mediação Pedagógica na Amazônia.** São Paulo: Atlas, 2021.

SIEMENS, G. **Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age.** International Journal of Instructional Technology and Distance Learning, v. 2, n. 1, 2005.



## ARTIGO

SILVA, J.; PEREIRA, M. **Rios Sem Ruas: A Ausência da Escola na Amazônia Profunda.** Belém: Editora Pará, 2023.

SOUZA, K. **Rito de Comunidade: A Inovação Coletiva dos Povos da Floresta.** Revista de Antropologia Digital, v. 5, n. 1, p. 88-102, 2024.